

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LETRAS - DL

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**UM DIÁRIO DE CAMPO: OS DITOS E NÃO-DITOS NA CAMINHADA
DE UM FUTURO PROFESSOR**

ANDERSON SOARES DA SILVA

RECIFE-PE

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LETRAS - DL

**UM DIÁRIO DE CAMPO: OS DITOS E NÃO-DITOS NA CAMINHADA
DE UM FUTURO PROFESSOR**

ANDERSON SOARES DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial
para a obtenção de grau de
Licenciado em Letras, pela
Universidade Federal Rural de
Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Mizael Inácio
do Nascimento

RECIFE- PE

2021

As dificuldades na aprendizagem de língua estrangeira, que engrossam as altas taxas de insucesso, assentam-se no não reconhecimento, na não aceitação e, especialmente, na não exploração por parte do sujeito da diferença, de torná-la parte constitutiva de si. Para ultrapassar essas dificuldades, o sujeito deve explorar a não coincidência da língua estrangeira com a sua língua materna, além da não correspondência entre aquilo que diz com aquilo que se deseja dizer (NASCIMENTO, 2020).

1. Situando a proposta

A formação de um futuro professor passa por inúmeros processos: uma boa instituição de ensino, o corpo docente e sua produção acadêmica. Todos esses requisitos são essenciais para uma formação adequada e por que não dizer imprescindíveis, ressaltando que esta deve ser concebida como um processo e não um produto, ou seja, ela desse se constituir de forma continuada e permanente, pois se trata a educação de um processo que vai se adaptando, sobretudo, às necessidades da sociedade, como o momento de pandemia por que estamos passando e que nos apresenta uma nova demanda educacional.

Assim, como afirma Paulo Freire, “Se a Educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (2005, p. 18)”, posição que nos leva a refletir sobre o momento muito difícil, principalmente na área da educação, que dificulta ainda mais o acesso, o investimento e, dessa forma, uma melhor qualidade na educação. Por isso, a luta por uma educação de qualidade para todos se faz mais que necessária já que, para que haja uma sociedade forte, é imprescindível uma educação igualitária para todos e em todos os lugares.

Busco, neste trabalho, refletir sobre as dificuldades por mim encontradas ao me deparar com o dia a dia escolar; sobre os requisitos mínimos para uma boa atuação de um estagiário; e sobre os pontos negativos e positivos de um primeiro estágio escolar, uma vez que considero de grande importância essas questões para todos que irão passar por um estágio e, num futuro próximo, atuarão como professores. Neste sentido, a necessidade de uma maior ampliação das bases teóricas e de um batimento teoria-prática que, além de imprescindíveis, permite uma melhor atuação daqueles que se arvoram no trabalho da docência.

Entretanto, não é de hoje que se discute sobre a diferença entre teoria e prática, entre os estudos acadêmicos e a realidade escolar; por isso e com o intuito de minimizar essa distância, esse trabalho visa a colocar em prática as perspectivas aqui mobilizadas a fim de potencializar as capacidades dos estudantes no tocante à aprendizagem de uma língua estrangeira, neste caso, o espanhol.

2. Mobilizando o aporte teórico

Um dos primeiros processos na preparação das aulas consistiu em definir o aporte teórico em que eu iria me ancorar, observando a viabilidade de se trabalhar com perspectivas teóricas distintas e promovendo um diálogo entre elas, dilema que, do meu ponto de vista, afeta todos os que se iniciam na docência. Assim sendo, definir que o trabalho seria norteado pelo viés da Didática Crítica e da Pedagogia da Comunicação, as quais atendiam os anseios de um futuro professor, dado que as duas perspectivas, do meu ponto de vista, trabalham melhor e mais amplamente a formação com trocas de conhecimento, como uma estrada de mão dupla.

Buscarei, ao longo do trabalho, apresentar exemplos e posicionamentos de outros autores e autoras sobre a importância dessas perspectivas teóricas para uma educação mais incluída e mais qualitativa, reafirmando a posição de que os estudantes não são uma folha em branco e sim construtores de muitos conhecimentos e que devem figurar em sua formação de modo recorrente, pois “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1992, p. 18) Não é errado dizer que inexistem validade do ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado não foi apreendido pelo aprendiz. Quando experimentada a genuinidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, epistemológica, pedagógica, estética e ética, em que a formosura deve achar-se de mãos dadas com a decência e com equilíbrio.

Tais reflexões se alicerçam no trabalho, e estão ancoradas em uma visão da Didática Fundamentada Crítica, que

parte de la afirmación de los procesos de enseñar y aprender, considerando la confluencia de factores técnicos, humanos, epistemológicos, políticos en la producción de dichos procesos. La contextualización de las acciones relativas a la institución y a la sociedad en que se desarrollan, a los sujetos que las realizan y el contenido que es objetivo de la enseñanza y el aprendizaje se constituye en el segundo pilar de esta perspectiva (LUCARELLI, 1998, p. 7).

Ao modo que mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e se desenvolve o que é chamado de “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento puro do objeto. Dentro dessa visão, é observada a importância de uma formação integral, em que todos os elementos estejam interligados: políticos, sociais, humanos, éticos, técnicos, epistemológicos, contribuindo, dessa forma,

para a formação do ser, sob essa perspectiva, esse é o alvo do projeto de um futuro professor, ou seja, que todos tenham a possibilidade de uma formação interligada com o mundo que cerca o estudante e não apenas dentro dos muros da escola. Não se pode esquecer que no centro dessa abordagem está a formação inicial dos estagiários e a formação de professores que, constantemente, vem passando por uma intensa avaliação crítica (MARQUES et al. 2006; PÉREZ GÓMEZ, 1995), no sentido de verificar se essa formação está ou não contextualizada sociopolítica e culturalmente, ou se está propiciando apenas que sejam preparados especialistas em conteúdos, sem reflexões mais profundas sobre educação e sobre o respeito à diversidade dos educandos.

É isso que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa do ensino “tecnicista”, de outro, a compreender que, apesar dele, o estudante a ele submetido não está fadado a findar seus conhecimentos: em que pese o ensino tecnicista, que corrompe a necessária criatividade do estudante e do professor, o educando a ele sujeito pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, à volta por cima e superar o autoritarismo e o erro gnosiológico do “tecnicismo”.

O essencial é que, embora dependente, da prática “tecnicista”, o estudante mantenha vivo em si o gosto pela rebeldia que, atiçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o torna imune contra o poder apassivador do “tecnicismo”. Neste contexto, é a força fundadora do aprender – de que fazem parte a comparação, a repetição, a verificação, a dúvida rebelde, a curiosidade não satisfeita – que supera os efeitos negativos do incerto ensinar. Essa é uma das importantes vantagens dos seres humanos – a de se terem tornado capazes de ir mais além de suas restrições. Assim não significa, porém, que nos seja indiferente ser um professor “técnico” ou um professor “questionador”.

Ao refletir sobre essa formação, deve-se ser capaz de transformar a prática em busca de atitudes direcionadas a um fazer pedagógico mais humano, mais engajado em ética, estética e politicamente crítico, que possa contribuir de forma efetiva para uma sociedade mais justa, dando subsídios para que os alunos, futuros docentes, se formem (criticamente).

Como Lucarelli (1998) explica, essa perspectiva, contrastando-a com a Didática Instrumental Tecnicista, muitas vezes ainda habita normalmente nos cômodos universitários e escolares. Para a autora, a Didática Fundamentada Crítica parte de uma concepção que apresenta as seguintes características:

1) multidimensionalidad del proceso de enseñanza y aprendizaje, afectado por variables técnicas, humanas, políticas y epistemológicas, y que se deriva, consecuentemente, en la contextualización de la práctica concreta; 2) contextualización en la que incide el entorno social global junto al institucional, el contenido y los factores peculiares que caracterizan a los actores involucrados en el enseñar y aprender; 3) explicitación de los presupuestos a partir de los cuales define sus abordajes metodológicos; 4) la elaboración de reflexiones sistemáticas que surgen del análisis de experiencias concretas del enseñar y del aprender; y 5) la búsqueda de la eficiencia como base el reconocimiento de las condiciones en que se desarrollan esos procesos y con el propósito de ampliar y mejorar las metas educativas (LUCARELLI, 1998, p.6).

As primeiras características demonstram a questão do contexto e as suas diversas variáveis, presentes na construção do ensino/aprendizagem. As ações docentes devem ter em conta todas as variáveis e perceber que o que é considerado contexto abarca desde o todo, como região geográfica, colonização, etnias, até o contexto mais específico: a sala de aula propriamente dita e, mais pontualmente, seus atores, os protagonistas no processo. Na terceira característica proposta, a ênfase está na importância de ter claros os pressupostos teóricos para, assim, definir a metodologia, ou melhor, a abordagem que será adotada para o trabalho em sala de aula. Na quarta característica, a autora demonstra a importância das reflexões sistemáticas a partir da análise de ensinar e aprender e, por último, na quinta característica, aponta a necessidade de conhecer esses processos, sua real totalidade, para que se possa melhorar e aumentar as metas educativas. Para todas as características que foram apresentadas, a fim de que o trabalho esteja ancorado em uma Didática Fundamentada Crítica, aparece o conhecimento, a valorização do contexto e a reflexão, como eixos centrais na atuação profissional, que devem ser recordados cotidianamente.

Nessa mesma perspectiva, Pimenta (2007, p. 18-19) salienta que a profissão de educador, como as demais, “emerge em dado contexto e momento históricos, como resposta às necessidades que estão postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade” e que, assim sendo, algumas profissões surgem, outras desaparecem e outras se transformam para responder às novas demandas da sociedade. Partindo dessas considerações, o autor aponta o caráter dinâmico da profissão docente como prática social e enfatiza que “é na leitura crítica da profissão diante das realidades sociais que se buscam os referenciais para modificá-la”.

3. Descrevendo a metodologia adotada

Um dos momentos mais incríveis e também angustiantes é a definição da metodologia das aulas, como se deve portar o estagiário, como seriam os primeiros contatos com os estudantes. Por esse motivo, decidi fazer um relato de experiência tomando por base alguns estudos sobre essas primeiras impressões e dúvidas. Decidi, portanto, ancorar meu estágio na metodologia de Paulo Freire, patrono da educação brasileira, um dos maiores educadores e filósofos mundiais, praticante e influenciador do movimento intitulado pedagogia crítica. Movimento este que tem como criadores e influenciadores nomes como Henry Giroux, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Ira Shor, Michel Apple, Antonio Gramsci, entre outros. A pedagogia crítica tem como principal objetivo apresentar e debater como se manifestam as relações de poder e desigualdade econômica, política e social, nos espaços educacionais, promovendo as conexões entre a educação e o mundo concreto e real.

Buscando compreender as enormes dificuldades que a educação e os seus profissionais vêm enfrentando e como essas questões afetam a relação entre professor e aluno, dei-me conta de que a educação era a única forma de um país crescer e se manter em um processo de ascensão e de estabilidade, ou seja, a educação deve ser tomada como um instrumento de resistência. E no intuito de resistir e promover resistências, tomei recorri ao pensamento contido na obra *Pedagogia do Oprimido* (2005) na qual Freire afirma que “somente na comunicação tem sentido a vida humana” (Idem, p. 74). Ou seja, não se trata de uma comunicação unidirecional – que silencia a voz de muitos/muitas em detrimento da expressão de apenas alguns/algumas –, mas de um diálogo profundo, respeitoso e crítico entre os sujeitos (estudantes e professores) e delas/es com o seu redor e tudo que os influencia.

Entendendo a necessidade de aprender como se faz uma aula, me guiei pelo Método Freiriano pensando que o processo educativo se constrói e se centra na mediação educador-educando, ou nas palavras do autor, “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Ibidem). Neste processo, ao educador cabe mostrar ao educando que ele traz consigo uma vasta gama de conhecimentos oriundos de suas experiências, e ao educador é incumbida também à tarefa de auxiliar na organização desses conhecimentos, relacionando os conhecimentos trazidos pelo educando com os saberes escolares, produzindo uma simbiose. Desse modo, o aluno/educando melhora gradativamente sua autoestima, conseguindo participar mais ativamente do processo da construção do conhecimento e,

consequentemente, maior será a autonomia e maior será também o entendimento de participação crítica e ativa na sociedade.

Por todo o percurso do estágio, foi tomada a comunicação e o diálogo como duas categorias fundamentais do pensamento freiriano, e sobre sua importância para o desenvolvimento de uma educação que se contraponha ao modelo historicamente estabelecido e até hoje vigente no Brasil: a educação bancária. Saindo da perspectiva bancária do professor como único detentor do conhecimento e repetidor de conteúdos para alunos passivos e silenciados, poderemos passar para uma educação verdadeiramente libertadora, que desperta a crítica e encoraja a autonomia, o questionamento, a criatividade e o desenvolvimento de uma reflexão-ação transformadora dos sujeitos diante da sua existência.

A partir da nossa investigação, é possível verificar como, historicamente, a educação no Brasil se foca em uma perspectiva na qual não há estímulo ao pensar, analisar, criticar, comunicar e criar algo realmente novo, que saia do padrão de repetição e reprodução da ordem vigente. Com o passar das décadas (e dos séculos), variam os recursos utilizados em sala de aula, mas o modelo do processo educativo/comunicativo na escola se mantém: uma formação conformadora, que visa promover a adaptação dos sujeitos à realidade de maneira passiva, silenciada, repetitiva e descontextualizada. Neste sentido, é preciso reagir e voltar a atenção para maneiras de formar cidadãos/os mais conscientes e atuantes e não meras/os profissionais conformadas/os, que desenvolvem bem sua função técnica, mas são incapazes de se reconhecer como cidadãos/os, dizer sua palavra autêntica, exigir seus direitos e mudar a realidade. Dessa forma, é fundamental que reflitamos sobre a educação oferecida às classes populares, conduzida de maneira a condicioná-las a reprimir a curiosidade, a comunicação e a criticidade em detrimento de uma adequação às exigências do mercado.

Como já defendia Freire (2005, pag. 84), educandos/as e educadores/as precisam compreender seu papel como seres capazes de contribuir, de maneira consciente e autônoma, dentro da sociedade. Por isso, tomando a perspectiva freiriana, precisamos de uma Educação que possibilite aos sujeitos conhecerem e se apropriarem de sua cultura e, ao mesmo tempo, se reconhecerem como produtores e comunicadores de cultura (FREIRE, 2011). O trabalho pedagógico baseado nesse método me possibilitou uma investigação temática com relação ao universo lexical dos alunos e suas dificuldades com relação a assuntos básicos que foram de alguma forma esquecidos ou mal ensinados. Este tema já foi muito debatido por muitos outros autores e é com grande carinho e respeito

que pretendo agregar meu olhar aos modos de vida, processos do dia a dia, costumes da região e de como os alunos viam, entendiam e recebiam o conhecimento de uma nova língua.

Nos primeiros encontros com os alunos, minha primeira dificuldade foi conseguir criar uma ponte entre os alunos e a necessidade de se dedicar ao estudo da língua espanhola, pois estes, movidos por um imaginário do como espanhol como “língua fácil”, dadas as semelhanças que guardam com o português, não viam nenhuma necessidade do estudo dessa língua. Contudo, quando fui apresentando textos, músicas, filmes, séries e conversando sobre o dia a dia e sobre as possibilidades de uso de uma nova língua, fomos descobrindo que nesse simbólico também habitam as dessemelhanças. Isso porque, nos termos de Nascimento (2020),

Enunciar em língua estrangeira significa também dar-se conta de que as palavras dessa língua estranha não possuem os mesmos valores que as da língua materna, na medida em que há a impossibilidade da correspondência termo a termo. Trata-se de uma experiência que pode ser encarada pelo sujeito como uma perda (que lhe provoca um sentimento de rejeição) ou como um momento de renovação (que lhe provoca um sentimento de acolhida), mas deve ser encarada, sobretudo, como uma descoberta desconcertante de um espaço de liberdade (NASCIMENTO, 2020, p. 68).

Dessa posição, ainda de acordo com este autor, é necessário que promovamos, constantemente, uma reflexão sobre nossas práticas enquanto professores de língua estrangeira, posto que, rotineiramente, há uma maior preocupação com o saber linguístico que ainda falta no aprendiz, enfocando-se de maneira marginal a relação do sujeito com sua enunciação e impossibilitando que a singularidade emerja. Disso resulta a concepção de que é necessário “aprender” e “dominar” o léxico e as estruturas linguísticas de uma dada língua para depois utilizá-los, como se a aprendizagem ocorresse por meio de um processo de armazenamento de palavras e estruturas e não por meio de processos de identificação e desidentificação entre a língua materna do sujeito e a língua estrangeira.

Ao trabalhar a aprendizagem sob essas perspectivas aqui abordadas, percebi que houve uma melhora não só na relação, mas também no aprendizado dos alunos, dado que, do meu ponto de vista, esse método fortalece os laços entre estudante e professor ao promover a horizontalidade na relação, a valorização da sua cultura e da sua oralidade, possibilitando a partir desses pontos que eles pudessem se envolver no estudo da língua espanhola, pois um dos princípios é que o estudante é sujeito da própria aprendizagem e

que, ao chegar à escola, ele já possui um conhecimento de sua língua e de sua cultura, facilitando uma maior imersão em novas culturas.

Portanto, na visão de Paulo Freire (Ibidem), a educação deve ser capaz de promover à autoconfiança e toda ação educativa deve ser um ato contínuo de recriação e de ressignificação de significados enquanto condição de possibilidade para uma educação conscientizadora e libertadora, dentro de uma perspectiva contínua de diálogo e reflexão sobre a ação com o objetivo de ampliar a visão de mundo e a participação ativa do indivíduo em todas as esferas da vida em sociedade.

4. Construindo uma (auto) análise.

Com base no estabelecido no plano de aula (Anexo 1), buscarei promover nesta seção uma (auto)análise da prática realizada durante o meu período de docência, observando o que considero como pontos positivos e negativos desse meu fazer pedagógico. Considero imprescindível porque nem sempre o planejado e o executado de fato ocorrem de forma harmônica.

No dia 08 de agosto de 2018, teve início a primeira aula de espanhol, marcada por grande tremedeira e muita sudorese, durante os primeiros contatos com a equipe escolar e, posteriormente, com os estudantes. Para este primeiro momento, foi preparada uma aula lúdica com base no texto *“La Presunta Abuelita”* (Anexo 2), que apresenta uma história simples e que traz em sua forma vários falsos cognatos (palavras com grafia parecida ou igual, mas com significados bem diferentes em relação à língua portuguesa, o que causa muitos problemas na hora de produzir uma tradução espanhol para o português). Por conter inúmeros falsos amigos, esse texto foi uma boa iniciativa para também quebrar o estigma de que o espanhol é uma língua fácil e, por isso, que não precisava ser estudada. Antes, porém, promovi uma roda de conversa para promover a apresentação entre mim e os estudantes, identificar os conhecimentos prévios e suas impressões sobre a língua e a cultura do universo hispânico. Após esse primeiro momento, foi repassado para os alunos o texto e pedido que eles fizessem a tradução a partir dos conhecimentos que eles tinham adquirido durante o percurso escolar. Ao iniciar a tradução, em meio a inúmeras surpresas e risos, a relação entre estagiário e estudantes foi mudando, pois eles perceberam e relataram que o espanhol não era nada fácil e que o seu ensino era muito necessário, desconstruindo algumas formações imaginárias que essa língua produz nos estudantes brasileiros.

Durante todo o estágio, houve uma maior necessidade de apoio e atenção à turma do terceiro ano do ensino médio por inúmeras razões: uma formação defasada; falta de conhecimento de alguns conhecimentos básicos necessários para os que se encontram nesse nível; reverter a aversão por eles sentida às aulas de espanhol, já que em suas formações imaginárias não se precisa aprender espanhol por ser uma língua fácil e por serem brasileiros não se faz necessário o seu aprendizado; e por último, apesar das razões precedentes, porque esses alunos prestariam vestibulares e o Enem.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas durante o estágio foi o de conscientizar os alunos da necessidade do aprendizado de uma nova língua e o quão importante isso era para a sua formação, que vai além da conclusão de um ciclo escolar. A aprendizagem de outra língua contribui também com a constituição de cidadãos críticos e possibilita o acesso à cultura, dos costumes e do conhecimento produzido por aqueles que vivem ao seu redor. Outro grande empecilho enfrentado era a própria forma como a escola concebia a disciplina de espanhol: poucas horas aulas, planejamento escolar que não atribuía ao espanhol nenhum espaço de eventos ou outro momento extraclasse, falta de livros da área e de acompanhamento pedagógico, o que dificultou bastante a minha prática docente. O trabalho do estágio foi bastante intenso com inúmeros logros, porém nenhuma cadeira ou oficina ofertada pela universidade me preparou para o enfrentamento de tantas dificuldades. Dessa forma, a falta de investimento em estrutura, em capacitação e em promoção de oportunidades é uma das causas de maior afastamento da docência por tantos discentes, pois não se encontra nenhum tipo de investimento, respeito ou oportunidade.

Desde a primeira classe e das primeiras interrupções administrativas, foi imprescindível o sonho e o anseio do estagiário pela docência, pois, se não fosse assim, teria desistido desde o primeiro momento, pois há um enorme precipício entre as classes da academia e a vida escolar, e infelizmente não existe um meio termo na formação dos futuros docentes, mostrando-lhes e ajudando-os a compreender que dar aula é a parte mais simples. Por isso, foi de grande importância conhecer e fazer uso do método de Paulo Freire, como também ter o aporte teórico da professora Elisa Lucarelli.

De todo modo, as maiores e mais importantes lembranças do estágio foram positivas, já que os estudantes conseguiram melhorar seus conhecimentos e sua busca por mais conhecimento foi de grande valor; todos os estudantes que prestaram o Enem obtiveram êxito na prova e nas questões de espanhol, contudo o maior logro desse estagiário foi receber, após as provas e vestibulares, retornos sobre suas aulas e sobre sua

forma de dar aula, que fez com que eles entendessem a sociedade e o seu meio de outras formas. Eles agora conseguiam ser mais críticos e menos alheios ao que acontecia ao seu redor e, deste modo, posso concluir que existe esperança para a educação e que todos podem e devem ser sujeitos de sua própria história.

5. Finalizando

O percurso trilhado desde a entrada na universidade até o estágio foi algo de profundo esplendor, não apenas de conhecimento, mas também de amadurecimento pessoal e profissional. Encontrei, em vários momentos, inúmeros motivos para acreditar na educação e em sua função social; em suma, ao longo do presente Relato de Experiência, foi compreendido que, historicamente, a educação no Brasil se baseia em uma formação fragmentada e descontextualizada para os professores em formação, muitas vezes visando em especial à repetição e à manutenção do *status quo* em detrimento de uma educação de educadoras e educadores realmente dialógica e libertadora.

Neste sentido, a metodologia e pedagogia freirianas se apresentam como uma reação ao sistema instaurado até hoje no Brasil: a partir dela, o modelo de mera repetição, de memorização e do professor como transmissor de informações e único detentor do conhecimento dá lugar à criatividade e a um espaço-tempo em que educandos/as e educadores/as são também criadores em uma educação que se revela libertadora, dialógica, consciente, crítica e independente.

A partir da perspectiva freiriana, estudantes e professores seriam motivados/as a reconhecerem seus papéis como sujeitos – e não apenas objetos –, capazes de produzir conhecimento, questionar a ordem estabelecida, comunicar e refletir-agir sobre o mundo de maneira revolucionária. Principalmente, seria uma educação que encoraja a cidadania e, fundada na cultura dos sujeitos, oferece um olhar renovador a estudantes e professores a respeito de seu papel ativo na e com a sua realidade que o cercam e fazem parte.

Portanto, mesmo que tenha sido ressaltada a importância da prática em terreno e suas necessidades, não foi desprezada a teoria, revitalizando, assim, a articulação teoria-prática que oportuniza a retroalimentação indispensável para uma prática docente racional e responsável. Este Relato de Experiência foi realizado e permite questionar a necessidade de algumas mudanças na formação dos futuros docentes, como também do ensino dado nas escolas se faz importante e desejável e que, para isso acontecer, é necessária uma formação inicial que oportunize a reflexão nesse sentido.

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- _____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- LUCARELLI, E. Didáctica de nivel superior: sus notas distintivas. Buenos Aires: FFyL-UBA, 1998, p. 203 _____ . Um desafio institucional: inovação e formação pedagógica do docente universitário. In: CASTANHO, M. E. L. M.; CASTANHO, S. (Orgs.). **O que há de novo na educação superior**: do projeto pedagógico à prática transformador. Campinas: Papirus, 2000. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- _____. **Teoría y práctica en la universidad**: La innovación en las aulas. Buenos Aires: FFyL-UBA, 2009.
- MARQUES, C. A.; TOLEDO, C.; MEIRELES, G. S.; MARQUES, L.P. Formação de Professores (as) para a diversidade. In: CALDERANO, Maria da Assunção; LOPES Paulo R. Curvelo (orgs.). **Formação de professores no mundo contemporâneo**: desafios, experiências e perspectivas. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2006.
- NASCIMENTO, Mizael I. **Gestos de autoria na produção escrita em espanhol de alunos intercambistas**: efeitos da subjetivação na/pela língua do outro. Tese (Doutorado em Letras). Recife: PPGL, UFPE, 257f. 2020.
- PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.
- PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

Anexos

1. Texto “La Presunta Abuelita”:

La Presunta Abuelita Había una vez una niña que fue a pasear al bosque. De repente se acordó de que no le había comprado ningún regalo a su abuelita. Pasó por un parque y arrancó unos lindos pimpollos rojos. Cuando llegó al bosque vio una carpa entre los árboles y alrededor unos cachorros de león comiendo carne. El corazón le empezó a latir muy fuerte. En cuanto pasó, los leones se pararon y empezaron a caminar atrás de ella. Buscó algún sitio para refugiarse y no lo encontró. Eso le pareció espantoso. A lo lejos vio un bulto que se movía y pensó que había alguien que la podría ayudar. Cuando se acercó vio un oso de espalda. Se quedó en silencio un rato hasta que el oso desapareció y luego, como la noche llegaba, se decidió a prender fuego para cocinar un pastel de berro que sacó del bolso. Empezó a preparar el estofado y lavó también unas ciruelas. De repente apareció un hombre pelado con el saco lleno de polvo que le dijo si podía compartir la cena con él. La niña, aunque muy asustada, le preguntó su apellido. Él le respondió que su apellido era Gutiérrez, pero que era más conocido por el sobrenombre Pepe. El señor le dijo que la salsa del estofado estaba exquisita aunque un poco salada. El hombre le dio un vaso de vino y cuando ella se enderezó se sintió un poco mareada. El señor Gutiérrez, al verla borracha, se ofreció a llevarla hasta la casa de su abuela. Ella se peinó su largo pelo y, agarrados del brazo, se fueron rumbo a la casita del bosque. Mientras caminaban vieron unas huellas que parecían de zorro que iban en dirección al sótano de la casa. El olor de una rica salsa llegaba hasta la puerta. Al entrar tuvieron una mala impresión: la abuelita, de espalda, estaba borrando algo en una hoja, sentada frente al escritorio. Con espanto vieron que bajo su saco asomaba una cola peluda. El hombre agarró una escoba y le pegó a la presunta abuela partiéndole una muela. La niña, al verse engañada por el lobo, quiso desquitarse aplicándole distintos golpes. Entre tanto, la abuela que estaba amordazada, empezó a golpear la tapa del sótano para que la sacaran de allí. Al descubrir de dónde venían los golpes, consiguieron unas tenazas para poder abrir el cerrojo que estaba todo herrumbrado. Cuando la abuela salió, con la ropa toda sucia de polvo, llamaron a los guardas del bosque para contar todo lo que había sucedido.

2. Plano de Aula:

Plano de aula de Espanhol - 3º ano do Ensino médio	
Tema	O que são os Falsos cognatos ou Heterosemânticos?
Competências Específicas	Analisar o texto e com seu histórico vocabular fazer as específicas traduções.
Objetivos	1. Compreender e Traduzir o texto. 2. Debater sobre a importância do ensino do espanhol para os estudantes brasileiros.
Conteúdo	Texto <i>Mí presunta Abuelita</i> .
Duração	105 minutos
Recursos didáticos	1. Texto; 2. material complementar (recursos visuais em PowerPoint);
Metodologia	1. Conversa intencional com os/as estudantes sobre a curiosidade, a vontade de uma nova língua. 2. Apresentação de PowerPoint com vários falsos cognatos. 3. Debater sobre o papel e a importância de conhecer uma nova língua.
Avaliação	1. Autoavaliação dos/das estudantes sobre sua perspectiva sobre a língua espanhola.
Referências	Além do texto, foi indicado aos alunos que procurassem na internet um pouco mais sobre o tema. www.querobolsa.com.br